



**Tramitação editorial:**

Data de submissão: **09/10/2020**

Data de reformulação: **28/09/2020**

Data de aceite definitivo: **10/10/2020**

Data de publicação: **13/10/2020**

Publicado: **13-10-2020**

**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO A HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO<sup>1</sup>**

*CRITICAL REVIEW OF THE BOOK THE HISTORY OF ECONOMIC THINKING*

*Sirlei Salete Boff<sup>2</sup>*

**Resenha da Obra:**

BOFF, Sirlei Salete; Resenha Crítica do Livro A História do Pensamento Econômico. Revista Processus Multidisciplinar. Ano 2020, Vol. I, n. 2. jul./dez., 2020.

**Resumo:**

Esta é uma resenha do livro intitulado “A história do pensamento econômico”. Este livro é de autoria de: ROBERT L. Heilbroner. O livro aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Processus Multidisciplinar”, no Ano 2020, Vol. I, n. 2. jul./dez., 2020

<sup>1</sup> Esta resenha foi revisada linguisticamente por Sirlei Salete Boff.

<sup>2</sup> Mestranda em Economia pela FGV, Conciliadora no TRF1/DF, Advogada, Contadora, Professora de Direito Tributário, Membro da ABDF, Especialista em Planejamento Tributário pela UnB, MBA em Controladoria pela FGV. Sirlei Salete Boff. Mestranda em Economia pela FGV, Conciliadora no TRF1/DF, Advogada, Contadora, Professora de Direito Tributário, Membro da ABDF, Especialista em Planejamento Tributário pela UnB, MBA em Controladoria pela FGV. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2095140882676947>. Orcid: 0000-0002-1760-7074. E-mail: [sirleiboff@gmail.com](mailto:sirleiboff@gmail.com)

**Palavras-chave:** Economia. Pensamento Econômico. Economistas. Capitalismo. Desenvolvimento da Análise Econômica.

**Abstract**

*The book by economist and historian Robert Heilbroner, presents perspectives on modern economists, bringing economics as an important chapter in the history of mankind. The modern science of economics being shown chronologically and with refinement of details of how the economic world and the passage through the 16th to the 20th centuries changed (description from the years 1700 to 2000).*

**Keywords:** *Economy. Economic Thinking. Economists. Capitalism. Development of Economic Analysis.*

**Resenha**

Se hoje a economia tem importância e presença constantes em jornais, revistas, programas de televisão – inclusive laureada com o prêmio Nobel de economia, por suas contribuições destacadas para a humanidade –, todos devem ser gratos a esses homens pouco conhecidos da história da humanidade; homens que transformaram a maneira do mundo pensar a respeito da luta pela riqueza; questão que traz transtornos e exige grande esforço e determinação desde antes do tempo dos Faraós.

Para se alcançar a inspiração do autor que propõe se conheça os grandes economistas dos quatro últimos séculos é retratado que o homem encontrou apenas três caminhos para evitar a calamidade da existência social: (i) transmissão de tarefas de geração em geração; (ii) regras autoritárias para garantir que as tarefas sejam realizadas e (iii) sistema de mercado.

Sem as tradições ou o chicote da autoridade a lhe impor o que fazer o homem garantia seu lucro pelas suas próprias decisões; de outro modo, seria pelo sistema de mercado, em que cada qual pode fazer o que lhe for mais vantajoso monetariamente: terra, trabalho e capital – são os agentes de produção básicos do sistema de mercado.

Em meados do século XVI explode a revolução econômica, um processo de crescimento interno que produziu mudanças e abriu caminho para as leis nacionais, a padronização de medidas comuns, a tentativa de urdir moedas de circulação e escrituração mercantil.

No transcurso dessas mudanças profundas surge o capitalismo, pela ação livre do homem com a finalidade do lucro e questões gerais fundamentais intrínsecas da natureza humana.

O intitulado criador da economia moderna, Adam Smith, abordou questões a exemplo do crescimento econômico, divisão do trabalho, livre concorrência, evolução social. Sendo a sociedade um organismo que tem sua própria história de vida, não podendo ser concebida como uma realização estática da humanidade, intocada e imutável entre as gerações.

Quando exterioriza suas ideias em **A riqueza das nações**, apresenta sua admiração pelo trabalho do burguês, mas desconfia dos seus motivos e sabe das necessidades das grandes massas trabalhadoras, mas sempre com a preocupação maior de promover a riqueza pela nação inteira.

Adam Smith também defendeu que o Estado deveria ter o menor nível possível de intervencionismo na economia; segundo ele, se a economia fosse livre, sem intervenção alguma de órgãos externos ou do governo, ela iria regular de forma automática, como se houvesse uma mão invisível por trás de tudo, fazendo com que os preços dos produtos fossem ditados pelo próprio mercado, conforme a sua necessidade.

Para ele, existem duas leis de comportamento que impulsionam o mercado: a lei da acumulação – acumulação de capital individual – e trabalhadores e demanda, que são controlados como se fossem mercadorias, que é a lei da população.

As leis do mercado são influenciadas por certos tipos de costumes dentro de determinada estrutura social; esses, então, podendo apresentar resultados perfeitamente definidos e previsíveis, como o interesse próprio, que age como um poder orientador para dirigir os homens a qualquer trabalho que a sociedade esteja disposta a recompensar; e a competição, agindo um contra a outro, realizaram a transição.

Uma comunidade movida apenas pelo interesse próprio seria uma comunidade de especuladores desumanos. O mecanismo do mercado tem um sistema autorregulador, sendo o mercado seu próprio guardião e a liberdade econômica individual regulada pelo mercado – esse regulador é a competição.

Adam Smith vivenciou o capitalismo pré-industrial, não descobriu o mercado, mas foi o pioneiro a formular o esquema de maneira ampla e sistemática, explicando como o sistema de perfeita liberdade – que concebe o capitalismo comercial – e as leis

do mercado em si são partes integrantes de leis maiores, que causam a prosperidade ou a queda da sociedade.

Já no século XVIII, Thomas Robert Malthus, que passou a sua vida entre pesquisas acadêmicas, foi o primeiro economista profissional, e o seu interesse era nos fatos do mundo real.

David Ricardo, homem de negócios – os interesses dos capitalistas e dos proprietários de terra eram irrevogavelmente opostos e os interesses dos proprietários de terra eram inimigos da comunidade – foi o primeiro a perceber que o maquinário poderia tomar o lugar do trabalho manual.

Thomas Robert Malthus e David Ricardo foram profetas do desalento e da discórdia, ao enunciar o mundo sombrio em que estavam vivendo, o assombro da fome da população mundial criada pela aritmética baseada sobre a oferta e a demanda, os problemas sociais difíceis de controlar fundado na produção de alimentos e crescimento da população de Malthus, como também pela análise da economia dominada pelos donos de terra de Ricardo.

Para o final do século XVIII e início do século XIX, Robert Owen foi um inovador da economia que deu nova forma aos fatos austeros com que os economistas teriam que lidar. Acreditava que o homem era o resultado de suas circunstâncias – o mundo não é inevitável e definitivamente bom ou mau, mas, sim, a extensão de como o fazemos.

Desfrutava da teoria sobre o avanço da humanidade como um conjunto – com aldeias de cooperação denominadas comunidade de pobres –, sugeria que a solução para o problema da pobreza residia, simplesmente, em tornar o pobre produtivo.

Estava convencido de que a humanidade não era melhor do que o seu ambiente, e que se esse universo fosse mudado seria possível conseguir harmonia e bem-estar social para todos. Owen foi um grande sonhador ingênuo.

Saint-Simon, aristocrata de família com nobreza ancestral, tinha com clareza que a classe industrial, que ele também chamava de classe trabalhadora, precisava ser reconhecida e satisfeita, para se ter uma sociedade eficaz e uma economia eficiente.

O homem precisa trabalhar se quiser partilhar dos frutos da sociedade, bem como o governo deveria ajeitar as coisas e não dirigir os homens. Ele conceituava que para fazer grandes coisas era preciso não ser apaixonado.

François Marie Charles Fourier acreditava que a sociedade poderia ser organizada em falanges (agrupamento numeroso de pessoas) – paralelo com as ideias de Owen – e que o mundo dos sonhos traz grandes dificuldades com atritos entre a realidade e as sociedades projetadas.

John Stuart Mill, grande economista para seu tempo, aquiescia que o princípio da propriedade privada ainda não havia passado por uma avaliação justa. Defendia a taxação de lucros, impostos sobre heranças e a formação de cooperativas de trabalho (haja vista que tinham vantagens competitivas). O sistema de mercado era como um mecanismo de causa e efeito, de grande complexidade e eficiência – esse mundo era regido por leis de economia capitalista.

Uma figura significativa do século XIX foi Karl Marx. Ele e Friedrich Engels, seu compatriota, são coautores da mais conhecida obra comunista – O Manifesto. Coagindo a sociedade com a previsão assustadora de que o capitalismo iria desmoronar inevitavelmente, trouxeram uma análise pessimista da perspectiva da economia capitalista.

O mundo econômico estava mudando, seus alicerces estavam em movimento – as antigas máquinas tinham sido substituídas por máquinas a vapor, uma inovação na organização social denominada fábrica surgiu, as relações sociais também mudaram, gerando nova adaptação social.

Toda sociedade é construída sobre uma base econômica – essa organização pode diferir enormemente de sociedade para sociedade, e de época para época – por seus pilares de leis, política, religião e filosofia.

Os problemas que Marx diagnosticou como inerentes ao capitalismo ainda se encontram muito presentes nos dias atuais, incluindo, acima de tudo, a tendência para a instabilidade econômica e para a concentração da riqueza e do poder. As crises servem para renovar a capacidade de expansão do sistema.

Apesar de o nome ser **O Manifesto Comunista**, tem de se registrar que Karl Marx não foi o idealizador do socialismo e nem do comunismo; meramente presumiu o declínio do capitalismo pelos seus próprios meios.

Sendo a produção industrial o alicerce do capitalismo, sua superestrutura era o sistema da propriedade privada – o conflito residia no fato de que a base e a superestrutura eram incompatíveis, pois tornava-se cada dia mais um processo organizado enquanto a superestrutura da propriedade privada era individualista.

Na era vitoriana, tem-se o estudioso Francis Ysidro Edgeworth, que tinha uma visão algébrica da atividade humana; com considerações abstratas, tentou desumanizar a econômica política com seu esquema de matemática psíquica.

Claude Frédéric Bastiat, economista, escritor e jornalista, contribuiu grandemente para o avanço dos princípios libertários; tinha dom para perceber absurdos e também humor para o mundo da economia.

Henry George, economista, já no século XIX era o representante mais influente na defesa da Single Tax (imposto único ou imposto simples) sobre o solo; a injustiça da renda não apenas roubava o lucro honesto do capitalista, como também pesava nos ombros do trabalhador.

John Atkinson Hobson economista, crítico do Imperialismo; um precursor de Schumpeter e Keynes na demonstração de que o crédito, e não a poupança, é a mola financeira da acumulação capitalista. Acreditava que a desequilibrada distribuição de riqueza do capitalismo gerava uma dificuldade interna insolúvel, e que o capitalismo era forçado a virar imperialismo para manter a sua própria sobrevivência econômica.

No capitalismo, a desigualdade dos ganhos – nem ricos, nem pobres podem consumir suficientemente os produtos – levava ao mais estranho dos dilemas: a complexidade social do capitalismo; e, para equilibrar seu próprio mercado, uma economia precisa consumir toda a sua produção.

Para Hobson, a origem do imperialismo é investir as poupanças automáticas dos ricos no exterior, ampliando, assim, os lucros – mercados estrangeiros e investimentos no estrangeiro que consumirão os produtos e capital que não podem ser absorvidos internamente.

O imperialismo gerou o conflito pela dominação mundial – a primeira grande guerra, sendo o processo do imperialismo a internacionalização do capital.

As empresas multinacionais gigantes provocaram a internacionalização do capital, com alta tecnologia e mão-de-obra barata, intensificando, dessa forma, a concorrência e movendo-se para o que denominavam de **economia global**.

Alfred Marshall foi um gigante sem concorrente entre os pioneiros neoclássicos ingleses. Dedicou-se às questões da teoria econômica – a importância do tempo como o elemento fundamental na realização do processo de equilíbrio. O tempo abstrato, o custo e a utilidade devem compor o preço de uma mercadoria, tal qual oferta e demanda.

Thorstein Veblen é considerado um dos grandes economistas de todos os tempos. Representa inspiração para gerações de pesquisadores e formuladores de políticas públicas. Tinha questionamentos de como determinar o sistema de negócios, a natureza do homem econômico, os rituais econômicos, para a busca de evidências sobre o sistema de negócios.

Para Veblen, a força que unia a sociedade era a do autointeresse racionalmente calculado e também não estava convicto de que o ócio em si fosse preferível ao trabalho.

Os economistas, desde os tempos de Adam Smith, consideravam o capitalista como a figura central condutora do sistema econômico, o motor central do progresso econômico. No entanto, para Veblen, o negociante ainda era a figura central do sistema. Ele via uma sociedade sendo dominada pela máquina, tendo seu processo econômico basicamente mecânico – a economia significava produção e isso implicava a mecanização da sociedade – um mecanismo gigantesco.

Thorstein Veblen queria apresentar a teoria da mudança social, na qual o homem de empresa e o sistema eram atacados pelo inimigo implacável da **máquina** – pois ela faz com que os homens pensem de forma realista sem superstições, em termos mensuráveis.

O processo revolucionário da emergência da tecnologia e da ciência eram as forças de mudança do século XX, a máquina como fator primário da vida econômica.

E, já no século XX, tem-se John Maynard Keynes – economista fundador da macroeconomia moderna; destacou-se pela obra **Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**, de 1936, na qual defendeu a natureza instável do capitalismo e a sua incapacidade para promover o bem-estar da sociedade. Acreditava no capitalismo; foi editor do jornal de economia da Grã-Bretanha por trinta e três anos.

Para Keynes não se pode medir a prosperidade de uma nação por seu ouro, assim como também não medimos a depressão pela falta de bens físicos, a exemplo de florestas, prédios, minas, entre outros – ambas são medidas pelo fluxo de renda da população – pelo processo de transferência de dinheiro de mão em mão.

O desequilíbrio entre os valores que se investe e que se poupa, pode gerar o problema da depressão na economia, é como uma espiral do sistema econômico. A liberdade econômica permite consumir muitos bens de consumo ou poupar muito; a diferença dessa balança faz com que o fluxo de circulação de rendas e investimentos seja positivo ou negativo.

No mundo capitalista no qual se vive, a livre iniciativa de poupar ou de investir torna os homens atores econômicos dinâmicos.

Keynes demonstra que a vulnerabilidade do sistema revela que somente investir não garante retorno, pois para realizar investimentos é importante aproveitar oportunidades e cautela para não exagerar.

Assim como prosperidade e investimento são o espírito do capitalismo – devendo estar alinhados à expansão dos negócios privados com o poder de compra das pessoas –, o desemprego é a mais grave ameaça à continuidade do capitalismo.

Joseph Alois Schumpeter foi um dos maiores economistas do século XX. Acreditava que o capitalismo era dinâmico e orientado para o crescimento.

Assim como para os demais economistas o lucro era uma questão a ser debatida e compreendida, e Schumpeter não foi diferente; para ele, os empreendedores e as suas atividades inovadoras eram a fonte de lucro no sistema capitalista.

Schumpeter defendia a teoria de que existiam três tipos de ciclos econômicos: o ciclo curto, o médio e o de longo prazo, e que a depressão econômica provém da superposição desses três tipos de ciclos, e que o estímulo para o início de um novo ciclo econômico vem dos empreendedores. O empreendedor realiza sua tarefa porque existe um sonho, uma determinação de conquistar.

O mecanismo competitivo do mercado, hoje, se caracteriza pelo grande tamanho dos seus participantes; o tamanho permite a resistência às pressões de competição conjuntamente com a interferência governamental – mas os princípios do interesse próprio e da competição ainda constituem regras básicas de comportamento, são comportamentos que ainda precisam ser observados pela sociedade.

O capitalismo mercantilista transformou-se em capitalismo pré-industrial, que despertou o capitalismo industrial, sucedido pelo capitalismo sustentado e guiado para o atual sistema de mercado global e de alta tecnologia.

Os grandes economistas projetaram tendências e rumos econômicos para o futuro, mesmo a economia lidando com complexos produtos dos processos sociais.

Homens de diversos grupos sociais que pensaram a economia de forma brilhante, trazendo a compreensão não só das origens da ciência econômica moderna e a qualidade desse crescimento econômico, como também do mundo em que se vive.

Hoje, a humanidade vive um período de globalização do capital. O grande desafio contemporâneo consiste em repensar o desenvolvimento, a integração da economia mundial, as desigualdades sociais e econômicas. Assim sendo, os intelectuais são provocados a fazerem análises históricas, na tentativa de entender as complexas e múltiplas articulações sociais, econômicas e políticas internas e externas da economia mundial.

## **Referências**

ROBERT L. Heilbroner. A história do pensamento econômico. 6a edição, Editora Nova Cultural Ltda., 1996.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como escrever um Artigo de Revisão de Literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Ano II, Vol.II, n.5, 2019a.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como fazer um Projeto de Pesquisa de um Artigo de Revisão de Literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Ano II, Vol.II, n.5, 2019b.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Manual de Artigo de Revisão de Literatura**. Brasília: Processus, 2019c.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Manual de Projeto de Pesquisa**. Brasília: Processus, 2019d.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Metodologia Científica e Redação Acadêmica**. 8. ed. Brasília: JRG, 2019e.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Ano III, Vol.III, n.7, 2020.